



IDEIAS PRIMEIRAS SOBRE A TEORIA DOS SISTEMAS DE NIKLAS LUHMANN PARA COMPREENDER A RELIGIÃO COMO UM SISTEMA

José Reinaldo de Araújo Quinteiro (PQ) - josereinaldoquinteiro@yahoo.com.br
Universidade de Rio Verde (UniRV)

Introdução

Este trabalho aproxima o leitor dos conceitos básicos do pensamento Niklas Luhmann; a intenção é sustentar a ideia de que a religião mantém funções diversas na sociedade. A teoria dos sistemas sociais luhmianno é exposta mediante a compreensão de que os sistemas são partes que compõem a sociedade; dentre estes se encontram a economia, a política, o direito, a ciência, e, será considerado nesta comunicação, a religião. A religião, como sistema e seus subsistemas, é um organismo vivo e comunicativo; seus códigos binários independem das pessoas e dos indivíduos, porém, serão situados, ora como emissores da mensagem, ora receptores da mensagem, no âmbito da sociedade sistêmica.

Desenvolvimento

Ocupar-se da discussão sobre a sociedade não é tarefa fácil, depende da opção teórica acolhida, e, conforme esta, se tem uma interpretação inovadora. Oxalá se diz o mesmo quando se pretende considerar a religião como uma meta a que se destina a análise. O eixo reflexivo a que se pretende, reserva-se ao pensamento de Luhmann, pensador alemão que propõe uma sociologia moderna com enfoques para o direito, para a economia, para as organizações e nestas, as funções sistêmicas da religião.

Na primeira parte, desta comunicação, encontra-se o esboço da teoria sistêmica. São expostos os elementos que compõem a sua estrutura como complexidade, contingência, ambiente, *autopoiesis*, comunicação, identidade, interação. Este esforço é um caminho percorrido para sustentar que a religião possui a mesma dinâmica de autorreferência, de auto-organização como os demais sistemas. Embora o pensamento luhmianno não inclua a religião como sistema, porque não exerce a *autopoiesis*, aqui se reconhece que a é porque desempenha múltiplas funções, sendo considerada integrante da sociedade sistêmica.



Na segunda parte, o esforço se volta para compreender a relação entre poder e religião na sociedade sistêmica. O ser humano se vê na necessidade de perceber a importância que tem a comunicação, como fator de aliviar as tensões entre os subsistemas, para se interagir com a complexidade na conjuntura do sistema.

Os símbolos e a sua potencialidade binária garantem a proteção do sistema e do subsistema de um terceiro fator. Sendo assim o sistema binário permite a sua abertura para a realidade, para a consideração do ambiente. Esta situação também está presente no sistema religioso por ocasião do relacional entre o poder *Alter* (o emissor da mensagem) e o poder *Ego* (o receptor da mensagem).

Na terceira parte, a religião é tratada dissonante do que pensa Luhmann, é colocada como agregadora de elementos que se comunicam com os outros sistemas como o direito e a política. O elemento principal desta transação é o ser humano, caracterizado como pessoa e como indivíduo, que ao transgredir a linha divisória de um sistema para o outro provoca uma invasão e inversão de valores. É o momento em que a religião é exposta com as possibilidades das suas funcionalidades e complexidades em uma sociedade sistêmica.

Considerações Finais

O pensamento de Luhmann se tornou inovador por que colocou a reflexão sobre a sociedade um lugar novo em contraposição à sociologia tradicional. A sociologia tradicional tinha suas bases na racionalidade, projeções e ações sociais ancorada em Weber, seu principal expoente. O racional prevalecia mesmo em uma sociedade que crescia em complexidade.

A sociologia de Luhmann lançou mão do conceito de complexidade a fim de apresentar a compreensão de que a sociedade se estrutura, se organiza e evolui por meio do sistema e dos seus subsistemas, sem perder as suas características que a fundamentam. As pessoas, os indivíduos não são peças decisivas no processo de evolução, como queria a sociologia tradicional. O que são decisivos são os processos de comunicação entre os organismos vivos; com isto o mundo não está fechado em uma fronteira, mas sim, no sentido em que o mesmo, concebe a si mesmo. Posto isto, reinterpretando Luhmann, vê-se a religião como promotora do seu próprio sentido.



Por mais que a religião, engendrado no subsistema religioso, componha-se de uma diversidade de agentes como sacerdotes, pastores, profetas e magos os mesmos não exercem influência na estruturação e manutenção do sistema. Ou seja, não há necessidade de pessoas que reproduzam um sistema de crença e ritos sagrados, pois estes elementos por si só se articulam; não há necessidade de construir por meio de uma personalidade carismática a legitimidade da instituição; a instituição religião existe como um organismo vivo em processo agudo de comunicação que o faz ser parte integrante do grande sistema; não existe necessidade de agente religioso autônomo, com capacidade de manipular e utilizar os bens simbólicos em prol da instituição, o próprio sistema com os seus subsistemas constituem em si, em sua dinâmica, o que se chama de *autopoiésis*.

Posto isto, o consenso religioso é fruto do processo social e não do consenso social. Conseqüentemente, há o surgimento de identidades referenciais, valores próprios mediante a ação da comunicação. O consenso independe de pessoas; se as pessoas o aprovam ou não, o que de fato acontece dentro do subsistema religioso, o consenso religioso há de existir. Vê-se que a religião possui inúmeras funções subsistêmicas, e é por isto que se entende que ela faz parte da sociedade sistêmica.

Referências